



A Psicologia é para
todo mundo
E se faz com Direitos Humanos!

MANUAL DE LINGUAGEM DO CRP SP



MANUAL DE LINGUAGEM DO CRP SP

Comissão de Comunicação

1ª Edição

Junho/2022



XV Plenário (2019-2022)

Diretoria

Presidenta: Tatiane Rosa da Silva (CRP 06/122671)

Vice-presidenta: Raizel Rechtman (CRP 06/115233)

Secretária: Rita de Cássia Oliveira Assunção (CRP 06/41621)

Tesoureira: Mônica Marques dos Santos (CRP 06/68930)

Conselheiras/os

Ana Paula Hachich de Souza (CRP 06/74115)

Annie Louise Saboya Prado (CRP 06/86192)

Beatriz Borges Brambilla (CRP 06/98368)

Clarissa Moreira Pereira (CRP 06/85338)

Edgar Rodrigues (CRP 06/29843)

Eduardo de Menezes Pedroso (CRP 06/122428)

Emanoela Priscila Toledo Arruda (CRP 06/107551)

Ione Aparecida Xavier (CRP 06/27445)

Ivani Francisco de Oliveira (CRP 06/121139)

Julia Pereira Bueno (CRP 06/132236)

Jumara Silvia Van De Velde (CRP 06/7616)

Lauren Mariana Mennocchi (CRP 06/90668)

Lilian Suzuki (CRP 06/27810)

Luana Alves Sampaio Cruz Bottini (CRP 06/69979)

Luciane de Almeida Jabur (CRP 06/ 66501)

Maria da Glória Calado (CRP 04/33194)

Maria Mercedes Whitaker Kehl V. Bicudo Guarnieri (CRP 06/59560)

Maria Rozineti Gonçalves (CRP 06/39077)

Mônica Cintrão França Ribeiro (CRP 06/20583)

Mônica Marques dos Santos (CRP 06/68930)

Murilo Centrone Ferreira (CRP 06/142583)

Raizel Rechtman (CRP 06/115233)

Rita de Cássia Oliveira Assunção (CRP 06/41621)

Rodrigo Toledo (CRP 06/90143)

Sarah Faria Abrão Teixeira (CRP 06/132287)

Sulamita Jesus de Assunção (CRP 06/115531)

Talita Fabiano de Carvalho (CRP 06/71781)

Tatiane Rosa da Silva (CRP 06/122671)

Comissão de Comunicação - COM COM

Talita Fabiano de Carvalho – *Conselheira (Coordenação)*

Murilo Centrone Ferreira – *Conselheiro*

Luana Alves Sampaio Cruz Bottini – *Conselheira*

Raizel Rechtman – *Conselheira*

Coordenação de Relações Externas

Tiara Vaz Ribeiro

Editorial:

Lúcia Carolina Reis

Apoio editorial:

Nathalia Barbosa dos Santos

Guilherme Garcia da Silva

Sasha Cruz Alves Pereira

Design gráfico:

Micael Melchiades

Apoio gráfico:

Paulo Mota

Júlia Gonçalves

Sumário

1. Apresentação	07
2. O nome do CRP SP: como escrevê-lo	08
3. Letras maiúsculas e minúsculas	09
4. Como identificamos as/os psicólogas/os	12
5. Estilos: aparência e organização dos textos	13
6. Números: como escrevê-los	14
7. Como mencionar as leis brasileiras	18
8. Gênero feminino e linguagem gendrada	20
9. Linguagem neutra	24
10. Linguagem antirracista	26
11. Acessibilidade	42
12. Linguagem inclusiva	52
13. Referências e fontes	58

1. APRESENTAÇÃO

As bases do Manual são os princípios teóricos e técnicos da língua portuguesa, seu objetivo é ajudar você na escrita para o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. A preocupação que deu origem à ideia de elaborá-lo é contemplar, na comunicação, deliberações, resoluções e premissas que orientam e normatizam o Sistema Conselhos, criando padrões para manter-se a linguagem institucional do CRP SP e suas características estilísticas. O Manual é a versão do Guia de Linguagem do CRP SP com explicações e confirmação teórica. Para um uso mais cotidiano, de aplicação rápida, prefira o Guia **www.crp.org.br/arquivos/linguagem_guia.pdf**

2. O NOME DO CRP SP: COMO ESCREVÊ-LO

Por extenso: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

Sigla: CRP SP

Como escrevemos os nomes das subsedes?

Há três opções:

1. Subsede [Nome]

Exemplos: Subsede Baixada Santista e Vale do Ribeira; Subsede Grande ABC; Subsede Vale do Paraíba e Litoral Norte; Subsede Sorocaba.

2. Subsede [Nome] do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

Exemplos: Subsede Baixada Santista e Vale do Ribeira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Subsede Grande ABC do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Subsede Vale do Paraíba e Litoral Norte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Subsede Sorocaba do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

3. Subsede [Nome] do CRP SP

Exemplos: Subsede Baixada Santista e Vale do Ribeira do CRP SP; Subsede Grande ABC do CRP SP; Subsede Vale do Paraíba e Litoral Norte do CRP SP; Subsede Sorocaba do CRP SP.

Observe que não se usa preposição ligando a palavra 'subsede' e o nome da região.

3. LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

As regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP) são obrigatórias no Brasil desde janeiro de 2016, sua Base XIX determina que “A letra minúscula inicial é usada ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes.”, trazendo soluções para antigos entendimentos e costumes protocolares (por exemplo, a escrita de nomes de cargos em iniciais maiúsculas).

Essas soluções podem ser resumidas no princípio de que **somente serão escritos em inicial maiúscula os substantivos próprios**: Nomes próprios de pessoas reais ou fictícias; de localidades reais ou fictícias; de instituições; acidentes geográficos reais ou fictícios; seres antropomorfizados – mitos, deuses, seres fantásticos, como Coelhinho da Páscoa, Curupira, Boi-Bumbá etc.; nomes das festividades das nações de língua portuguesa – Carnaval, Todos os Santos, Dia das Crianças etc.; títulos de publicações; nomes científicos na conformidade de sua normatização; siglas; nomes de animais domésticos e os nomes dos pontos cardeais quando empregados de maneira absoluta, ou seja, quando usados para definirem todo um lugar determinado e não apenas uma direção (“O Sul do Brasil tem um extenso litoral.” / “Siga na direção sul e em 15 minutos você chegará à praia.”).

Assim...

Psicologia escreve-se em maiúscula quando nome próprio da ciência (“O Brasil tem ótimos cursos de formação em Psicologia.” / “Os alunos ouvem a professora porque ela sabe usar de psicologia.”).

Já psicólogas/os/es escreve-se em minúscula, pois se trata de substantivo comum.

O substantivo ‘subsede’ é grafado em maiúscula quando compõe o nome próprio da subsede e em minúscula quando não se refere a uma subsede em particular

("O psicólogo que atua em Santos deverá dirigir-se à Subsede Baixada Santista e Vale do Ribeira." / "A psicóloga recém-formada deve procurar a subsede de sua região.").

São escritos em minúsculas os substantivos país, município e capital e em maiúscula Estado se usado de maneira absoluta, como nome da instituição política estrutural do país ("No Brasil, o Estado não se faz presente nas comunidades periféricas." / "O Maranhão é o estado brasileiro que melhor remunera seus professores.").

Prefeitura e governo serão escritos em maiúscula se tiverem o mesmo sentido de Paço, Palácio, Governadoria, ou seja, quando forem o nome da sede do poder executivo municipal, estadual ou federal (Paço Municipal de Santos / prefeitura de Santos; Palácio do Anhangabaú / prefeitura de São Paulo; Palácio dos Bandeirantes / governo de São Paulo; Palácio do Planalto / governo do Brasil; "Será necessário entrevistar o prefeito em seu gabinete, na Prefeitura de Assis." / "A prefeitura de Assis investirá em uma campanha de vacinação.").

Os nomes das nações indígenas e africanas são grafados em letra inicial maiúscula e no singular (saberes Guarani, educadores Xokleng, alunos Kamaiurá, universitários Kaingang, festejos Krenak, matrizes Ketu, candomblé Banto, mitologia Iorubá, culinária Jêje-Nagô etc.).

Nomes próprios que são substantivos compostos formados por hífen terão o segundo elemento também grafado em maiúscula, mas os substantivos comuns em início de frases terão somente o primeiro elemento escrito em maiúscula ("Soraia é funcionária do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da USP." / "Pós-graduação, Soraia só quer fazer se for no Instituto de Psicologia da USP. / Soraia não tem pós-graduação.").

Quando as siglas têm quatro letras ou mais e se é possível lê-las como uma só palavra, somente a primeira letra

é escrita em maiúscula, como em Inep, Enem, Ipea, Dieese, Fapesp, Ibama, Ufrgs, Febraban, Detran, Bovespa etc., quando cada uma de suas letras é recitada, como em IBGE, CRP SP, LTDA, ICMBio, escrevemos a sigla inteiramente em maiúsculas. As siglas formadas por até três letras são sempre escritas em maiúsculas, SPC, ICB (Índices de Commodities Brasil), SUS, PUC, MEC, CEP etc.

Observação: Devemos respeitar o modo como as instituições se apresentam.

Os nomes das comissões do CRP SP são nomes próprios, portanto, grafados com iniciais maiúsculas. Os cargos, por sua vez, são substantivos comuns e escritos em minúsculas ("Deixaremos a coordenação técnica da Comissão de Orientação e Fiscalização aos cuidados da/o psicóloga/o mais experiente." / "A psicóloga mais experiente é a coordenadora técnica da Comissão de Orientação e Fiscalização.").

Palavras que grifamos em letra maiúscula (Direitos Humanos, Psicologia, Políticas Públicas, nomes das comissões).

4. COMO IDENTIFICAMOS AS/OS PSICÓLOGAS/OS

Utiliza-se o nome completo conforme o registro da/do profissional no CRP SP/CFP, além do número no CRP se estiver ativo, entre parênteses, que deve ser mencionado ao menos uma vez em cada publicação.

Se a/o psicóloga/o não estiver com seu número no CRP ativo: Identificar a/o profissional como "graduada/o em Psicologia", "docente em Psicologia" ou outra forma que não a/o referencie como psicóloga/o.

Identificação da diretoria: Nome completo conforme registro no CRP SP (número do CRP), nome do cargo na diretoria em minúscula e gendrado. Ex.: Annie Louise Saboya Prado (CRP 06/86192), conselheira vice-presidenta. / Luciane de Almeida Jabur (CRP 06/ 66501), conselheira tesoureira.

Identificação das/os conselheiras/os: Nome completo conforme registro no CRP SP (número do CRP), conselheira/o e a função da qual ela/ele é encarregada/o, se houver, em minúscula. Ex.: Murilo Centrone Ferreira (CRP 06/142583), conselheiro presidente de COE.

Identificação das comissões gestoras: Nome completo da/o membra/o da comissão gestora (número do CRP). Ex.: Marcos da Silva, psicólogo (CRP 06/xxxxx), coordenador da Comissão Gestora da Subsede Metropolitana./ Rute da Silva, psicóloga (CRP 06/xxxxx), membra da Comissão Gestora da Subsede Assis.

Identificação de colaboradoras/es: Nome completo conforme registro no CRP SP (número do CRP), colaboradora/colaborador (em minúscula) do CRP SP (associar à área a que está vinculada/o) integrante do Núcleo [...] ou do Grupo de Trabalho [...].

5. ESTILOS: APARÊNCIA E ORGANIZAÇÃO DOS TEXTOS

Itálico, negrito, caixa alta, sublinhados, tachados, alinhamentos dos parágrafos, recuos são recursos que servem a um propósito: fazer uma quebra visual na leitura, desviar a atenção para uma nova direção, logo, se você aplica estilos em seu texto sem critério ou em demasia, você perde a serventia destes recursos. Pode usá-los, mas com economia.

Siga as orientações básicas...

Títulos são sempre escritos com a primeira letra da primeira palavra em maiúscula e só recebem pontuação quando são interrogações ou exclamações, nunca o ponto-final. Se têm até quatro núcleos – desconsidere preposições, conjunções, pronomes e artigos –, as letras iniciais das palavras podem ser escritas em maiúsculas. Com cinco núcleos ou mais, escreva somente a primeira letra – da primeira palavra – em maiúscula. Não os escreva inteiramente em caixa alta, o que destaca o título do restante do texto é sua posição centralizada, ao menos dois pontos distante do corpo do texto e em fonte maior. Exemplos: “Pele Negra, Máscaras Brancas” ou “Pele negra, máscaras brancas”; “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” ou “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”; “O Nascimento da Inteligência na Criança” ou “O nascimento da inteligência na criança”.

A Base I do AOLP manda que os estrangeirismos sejam grafados em itálico, a atualização NBR 6023 da ABNT faz a mesma determinação para estrangeirismos, neologismos e títulos de obras, quer dizer, quando mencionamos títulos, em nossos textos, registramos em itálico, não entre aspas. As aspas reproduzem falas de terceiros, declarações ou trechos transcritos de outros textos. Porém, nas redes sociais, não é possível aplicarmos esses estilos, então, para deixarmos evidentes os títulos de obras, neologismos e estrangeirismos, usamos as aspas simples [‘ ’].

Mantenha os estilos e as situações nas quais você escolheu usá-los ao longo de toda a peça textual que você está elaborando, estabeleça uma lógica e aplique-a do início ao fim do material.

6. NÚMEROS: COMO ESCRREVÊ-LOS

Os números entre zero e dez são escritos por extenso. A partir de 11, eles são registrados em algarismos.

Exemplos: Inscreveram-se 100 psicólogos no concurso, 48 são mulheres, 37 são homens, dez não se identificam com os gêneros masculino e feminino e cinco deixaram de responder o questionário.

Exceções

Escreveremos **sempre em algarismos**:

Dias, décadas e anos;

10 de fevereiro de 1980 / Os anos de 1980. / A década de 20 do século passado.

Porcentagens;

A abertura de novos cursos de Psicologia deve cair 6% em relação à década passada.

A produção solar de energia é responsável por apenas 2,5% do abastecimento do Brasil.

Números decimais;

Segundo o IBGE, 14,3 milhões de brasileiros estão sem trabalho. No Estado de Goiás, o crescimento do número de desempregados foi de 2,2% entre maio de 2020 e maio de 2021.

A exceção é o decimal meio, que escrevemos por extenso: Fui reprovada na cadeira de Prática de Pesquisa em Psicologia Social por meio ponto. **Somente o usamos em algarismos [0,5] em títulos longos, legendas e descrições de acessibilidade, quando trabalhamos em espaços pequenos.** Exemplo, se tivéssemos como título de uma matéria “Alunos reprovados nos cursos de Psicologia precisavam de 0,5 ponto”.

Grandezas, medidas, pesos e distâncias: 2m; 8 hectares; 6 toneladas; 1,39Joule; -4°C.

Placares de jogos.

Por fim, escrevemos os números em algarismos nas tabelas, infográficos, numeração de páginas e em artes.

Atenção! Podemos preferir os algarismos ao trazermos um número entre zero e dez em títulos longos, legendas e descrições de acessibilidade, mas apenas quando trabalharmos em espaço reduzido.

A partir de mil, escrevemos o algarismo e a unidade cardinal por extenso.

9 mil; 0,2 milhão; 1,4 trilhão; 8,5 bilhões.

Não escrevemos 1 mil, escrevemos somente mil.

Não omitimos a unidade cardinal dos números, ainda que ela seja repetida, dizemos “Estima-se que 20 mil a 30 mil interessados candidataram-se para a vaga”, não dizemos “Estima-se que 20 a 30 mil interessados candidataram-se para a vaga”; dizemos “O país deixaria de ganhar entre US\$ 60 bilhões a US\$ 70 bilhões rompendo relações com a China”, não dizemos “O país deixaria de ganhar entre 60 a US\$ 70 bilhões rompendo relações com a China”.

Números Romanos

São aplicados compulsoriamente nos nomes de nobres, papas e nos incisos das leis (Pedro II; Papa Francisco I; artigo 5º, inciso XIII da Constituição).

Não são obrigatórios nos registros de séculos, nomes de eventos históricos, de logradouros, contudo, **devem ser aplicados quando esta é a forma consagrada pelo uso**, por exemplo, ao referir-se a um evento que utiliza esta forma: XI Congresso Brasileiro de Saúde Mental.

Nos Documentos Numerados

As formas adotadas nas produções para o CRP SP serão estas:

Tipo de Documento n.º do documento / ano de sua publicação

Tipo de Documento n.º do documento de ano de sua publicação

Somente um espaço separa o tipo de documento e seu número. Antecede o algarismo a abreviatura n.º e usa-se a barra oblíqua ou a preposição 'de' entre o número do documento e o ano de sua publicação. Na escrita do tipo de documento, as iniciais serão grafadas em maiúsculas.

Exemplos:

Lei Complementar n.º 150/2015.

Lei Complementar n.º 150 de 2015.

Datas

Na norma culta da língua, não há arranjos assinalando modelos específicos para a redação de datas, entretanto, os manuais de redação e estilo apontam referências e padrões de registro. Ao mencionar datas em textos escritos para o CRP SP, atenda a uma das três opções a seguir:

Grafe o dia da semana completo e o dia do mês entre parênteses:

Os documentos necessários à emissão do título de especialista deverão ser enviados até sexta-feira (24/09).

Grafe o dia do mês e o ano em algarismos e o mês por extenso:

Os documentos necessários à emissão do título de especialista deverão ser enviados até 02 de outubro de 2021.

Os documentos necessários à emissão do título de especialista deverão ser enviados até 1º de novembro de 2022.

Grafe dia do mês, mês e ano em algarismos e separados por barras:

Os documentos necessários à emissão do título de especialista deverão ser enviados até 02/10/2021.

Os documentos necessários à emissão do título de especialista deverão ser enviados até 01/11/2021.

Na primeira opção, o nome do dia da semana deve ser grafado de maneira completa (quarta-feira e não quarta).

Exceto o dia 1º, os dias entre dois e nove deverão ser grafados com dois algarismos (09 de junho, 07 de maio).

Ao registrar datas organizadas entre barras oblíquas, inscreva os dias e meses em dois algarismos e os anos em dois ou quatro algarismos, 02/02/2021 ou 02/02/21 e não 2/2/2021.

Horários

Grafe a hora, seguida pela letra h, seguida pelos minutos: 11h08 / 23h08 / 12h14 / 00h14 / 05h40 / 17h40 / 04h20 / 16h20.

Números de Telefones

Os códigos de área são inscritos entre parênteses e separados do restante do número por um espaço, (011) 9206 5642. Separe também os dígitos iniciais e os finais por um espaço.

07. COMO MENCIONAR AS LEIS BRASILEIRAS

A Lei Complementar n.º 95 de 26 de fevereiro de 1998 contempla as determinações de como leis e normativas jurídicas são redigidas em nosso país, por extensão, também regula o registro de documentos oficiais.

Começamos identificando de que espécie é a norma (se é uma lei, um decreto, uma resolução, portaria etc.), depois, haverá a ementa, que é o resumo da norma, então chegamos aos seus artigos, eles podem ter um parágrafo único ou podem ser divididos, começando no *caput* (cabeça, em latim), seguido por parágrafos, incisos e alíneas, nesta ordem.

Somente a espécie normativa é escrita em letra maiúscula, mas quando é mencionada sem configurar o próprio nome da lei, não a escrevemos em maiúscula. Exemplo: “A **Lei** n.º 11.340 de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, protege as mulheres da violência familiar e doméstica. A advogada recorreu a essa **lei** para pedir a prisão preventiva do agressor.”

Na menção aos artigos fora do nome da norma, escrevemos ‘artigo’, mas na formulação do nome da normativa, utilizamos somente a abreviação ‘art.’ Eles são identificados pelos numerais ordinais entre o primeiro e o nono e pelos cardinais a partir do décimo: “O artigo 5º da Lei Maria da Penha detalha o que configura violência doméstica e o **artigo 24** dispõe a proteção patrimonial dos bens da sociedade conjugal, veja em Lei n.º 11.340, **art. 5º**, *caput* e **art. 24**, *caput*.”

Parágrafos são representados pelo símbolo § (teclas de atalho: “Ctrl + Alt + =”), numerados como os artigos, entre o primeiro e o nono, são assinalados com ordinais, a partir do décimo, com cardinais. No nome da lei, não escrevemos ‘parágrafo’, usamos o símbolo §, na menção fora do nome da lei, escrevemos parágrafo: “A assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar é descrita no artigo 9º e **seus parágrafos** da

Lei Maria da Penha.”; “Os dados da mulher ofendida são sigilosos conforme **o parágrafo 8º** do artigo 9º da Lei Maria da Penha.”; “Lembrem-se de que, em caso de violência familiar ou doméstica, serão sigilosos os dados da mulher ofendida e os de seus dependentes, Lei n.º 11.340, art. 9º, § 8º.”

Parágrafos podem ser subdivididos em incisos, que serão identificados por algarismos romanos. Não escrevemos a palavra ‘inciso’ no nome da lei, usamos somente o algarismo romano, fora do nome da lei, escrevemos inciso. Exemplos: “O juiz deve assegurar à mulher em situação de violência familiar a manutenção do vínculo trabalhista quando for necessário seu afastamento por até seis meses (Lei n.º 11.340, art. 9º, § 2º, **II**).”; “O juiz deve assegurar à mulher em situação de violência familiar a manutenção do vínculo trabalhista quando for necessário seu afastamento por até seis meses, assim ordena o **inciso II**, do parágrafo 2º, no artigo 9º da Lei Maria da Penha.”

Os incisos podem ser subdivididos em alíneas, identificadas por letras minúsculas de nosso alfabeto e em itálico. Quando usadas no formato do nome da lei, não se escreve a palavra ‘alínea’, apenas quando são mencionadas fora do formato do nome da lei. Exemplo: “A lei que criou o Programa Mais Médicos foi incrementada na Portaria Interministerial Ministério da Saúde/Ministério da Educação e Cultura n.º 1.369/2013, art. 19, II, **c**.”; “O Programa Mais Médicos organizou a questão da formação dos profissionais em cursos de Medicina de maneira bastante pormenorizada, como se pode ver na **alínea c** da portaria interministerial do MS e do MEC.”

8. GÊNERO FEMININO E LINGUAGEM GENDRADA

Acolhem-se as deliberações tomadas nas instâncias de participação da categoria (CNP e APAF).

Emprego do Gênero Feminino

O VII Congresso Nacional de Psicologia, realizado a 2010, determina a aplicação da escrita gendrada nas elaborações do Sistema Conselhos de Psicologia, em documentações concebidas a partir desta data ou em quaisquer textos escritos, apreciando-se os gêneros feminino e masculino, nesta ordem^[1]. Observa-se que o Congresso Nacional de Psicologia é a instância máxima de deliberações do Sistema Conselhos de Psicologia.

Como o gendramento pode ser registrado?

1. Pelo uso de barras:

A/o psicóloga/o inscrita/o no CRP SP precisa mandar a foto de seu comprovante de vacinação.

2. Pela escrita por extenso dos gêneros feminino e masculino:

A psicóloga inscrita e o psicólogo inscrito no CRP SP precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

Outras possibilidades:

2.1. A psicóloga inscrita e o psicólogo inscrito no CRP SP precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

2.2. A psicóloga e o psicólogo inscrito no CRP SP precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

2.3. A psicóloga e o psicólogo inscritos no CRP SP precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

2.4. A psicóloga e o psicólogo inscrita e inscrito no CRP SP

precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

3. Pelo uso do gênero feminino, apenas:

As psicólogas inscritas no CRP SP precisam mandar foto de seus comprovantes de vacinação.

Quantas maneiras de gendrar você pode usar em um texto?

Diante das maneiras como o gendramento pode ser registrado nas comunicações do CRP SP, escolha uma para aplicá-la na totalidade do texto. Somente poderá haver a segunda escolha de registro do gendramento em títulos, subtítulos, legendas, descrições e saudações.

Aplicações do gendramento

1. Pelo uso da barra: Indicamos o uso em espaços reduzidos, como postagens em redes sociais, textos para o site entre outras comunicações mais objetivas.

Usamos: A/o psicóloga/o deve escolher um local adequado para receber suas/seus pacientes.

Não usamos: A(o) psicóloga(o) deve escolher um local adequado para receber suas(seus) pacientes.

Por que usamos a barra oblíqua e não os parênteses?

Os parênteses têm função de intercalar e de inserir informações, eles fazem um acréscimo de indicação adicional, complementar ou explicativa. Exemplo: Albertina, nossa conferencista, é psicóloga há 25 anos e especialista em Educação há dez **(as duas formações, pelo Instituto de Psicologia da USP)**. Perceba que o conteúdo que incluímos nos parênteses pode ser dispensado sem prejuízo para a compreensão do sentido do enunciado principal.

A barra oblíqua indica outra relação: A palavra que vem antes da barra pode ser trocada pela palavra que vem depois, temos, então, elementos equivalentes e que se substituem.

As letras que estão depois da barra devem fazer sentido na leitura

Cuide para que a terminação enumerada pelas barras (/) faça sentido, ligando-se com naturalidade à palavra completa.

Usamos: A/o trabalhadora/trabalhador poderá trazer a/o esposa/o à festa da empresa.

Não usamos: A/o trabalhadora/or poderá trazer a/o esposa/oso à festa da empresa.

Usamos: Camponesa/camponês; receptiva/o; pescadora/pescador; descoberta/o; convertida/o; conquistada/o; escravizada/o etc.

Não usamos: Camponesa/nês; receptiva/ivo; pescadora/or; descoberta/erto; convertida/ido; conquistada/ado; escravizada/ado etc.

Referência por extenso aos gêneros feminino e masculino: Indicamos o uso em cartas, manifestos, notas, saudações em eventos e outros momentos nos quais a repetição de ambos os gêneros não se torne exaustiva.

Podemos gendrar usando somente o feminino?

Uso somente do gênero feminino: Convoca-se toda a categoria de **psicólogas** para deliberar sobre o caso.

Podemos gendrar usando somente o feminino?

Sim. O Regulamento do 10º Congresso Nacional da Psicologia, preparado pela Comissão Organizadora Nacional – Comorg (definida na Apaf – Assembleia das Políticas da Administração e das Finanças do Sistema Conselhos de Psicologia, em dezembro de 2017), usa somente o gênero feminino em seu texto e explica em nota de rodapé, na primeira página: “No intuito de garantir uma linguagem inclusiva de gênero, optou-se por referenciar a categoria no feminino. Dessa forma, sempre que aparecerem palavras no feminino como ‘psicólogas’, ‘inscritas’, ‘delegadas’, entre outras, estão incluídos todos os gêneros.”^[2]

Sendo assim, é possível a quem escreve pelo CRP SP aplicar somente o gênero feminino representando toda a categoria profissional, por inferência, permite-se empregar apenas o gênero feminino nos contextos com espaço exíguo, como nas legendas de fotografias nas quais aparecem psicólogas e psicólogos, nelas, igualmente se aceita o uso exclusivo do gênero feminino no plural.

Evite aplicar apenas o gênero feminino ao escrever a respeito de orientações ou ao redigi-las, cuidando para que não pareçam voltadas com exclusividade às mulheres psicólogas, isentando-se os homens psicólogos.

Opte por palavras não indicativas de gênero nas referências à espécie humana, evite usar o substantivo masculino 'homem', tente criar soluções com humanidade, o ser humano, as pessoas, a espécie humana, a gente etc.:

Os homens estão destruindo a natureza. / Prefira: **A humanidade** está destruindo a natureza.

Os homens estão destruindo a natureza. / Prefira: A humanidade está destruindo a natureza.

A plena igualdade é um direito dos homens. / Prefira: A plena igualdade é um direito de todas as pessoas.

O homem nasce livre e igual em dignidade e direitos. / Prefira: **O ser humano** nasce livre e igual em dignidade e direitos.

O cidadão não pode ser privado da participação política. / Prefira: **A cidadania** não pode ser privada da participação política.

O estudante tem seu papel social a ser cumprido. / Prefira: **A classe estudantil** tem seu papel social a ser cumprido.

O bebê também é um sujeito de direitos. / Prefira: **Na infância** também se é uma **personalidade** de direitos.

Termos que utilizamos no feminino para uma linguagem **não sexista**: membra; presidenta; femenagem.

9. LINGUAGEM NEUTRA

O emprego de Linguagem Neutra no Sistema Conselhos não foi deliberado via Apaf, sendo assim, o CRP SP adotará seu uso nestes dois casos:

Caso 1: Na divulgação de eventos que foram elaborados em linguagem neutra.

Caso 2: Em textos referentes a participações e colaborações com pessoas ou instituições que façam uso da linguagem neutra.

Se você estiver criando um texto para um dos dois casos, separe a desinência neutra, a desinência do gênero feminino e a desinência do gênero masculino por barras (/) e considere esta disposição feminino/neutro/masculino, exemplos: “Vamos *juntas/juntes/juntos* trabalhar pela inclusão de *todas/todes/todos*.”; “Vamos *juntas/es/os* trabalhar pela inclusão de *todas/es/os*.”

Se não for possível eliminar a presença do gênero em uma palavra, tente usar outra que a substitua. Veja a aplicação da linguagem neutra nas orações gendradas:

Nick da Silva **é psicólogo, eu falei a você de Nick.**

A/o psicóloga/o que tiver dificuldades para inscrever seu trabalho na Mostra poderá entrar em contato com o CRP, mas **ela/ele** deverá ter sua inscrição no Conselho ativa para participar.

A/e/o psicóloga/e/o que tiver dificuldades para inscrever seu trabalho na Mostra pode entrar em contato com o CRP, mas **todas/es/os deverão** ter a inscrição no Conselho ativa para participarem. [Temos verbos no plural porque os pronomes *todas/todes/todos* estão no plural.]

Cabe a coerência sinalizada anteriormente: Cuide para que a terminação enumerada pelas barras (/) faça sentido à leitura, -ue/-ues (de psicólogo/psicólogos) não

tem sentido em si, ao ser lida, -ue/-ues não é decifrada, não é possível decodificá-la, por isto, sua sonoridade poderá confundir quem lê e perder sua atenção. Use psicóloga/e, psicólogo/a/e/o.

Na escrita neutra, você buscará construções que sirvam ao contexto a respeito do qual você redige e ao mesmo tempo não tragam as marcações de gêneros, substituindo, então, “o homem”, “a mulher” por “as pessoas”; “a professora”, “o professor” por “docentes”; “o diretor”, “a diretora” por “a diretoria” etc.

Atenção: No registro escrito, para qualquer gênero, não precedemos nomes próprios com artigos. Esse princípio serve também à linguagem neutra. Há uma sugestão objetificante, além de uma imposição de intimidade quando escrevemos “o Guilherme” e não “Guilherme”. Em síntese, **escreva** “Aviso à equipe: **J**aqueline chegará atrasada porque as ruas do Centro estão em obras, mas **E**duardo irá substituí-la na reunião.”; **não escreva** “Aviso à equipe: **A** Jaqueline chegará atrasada porque as ruas do Centro estão em obras, mas **o** Eduardo irá substituí-la na reunião.”

Não utilize caracteres que impossibilitem a pronúncia da palavra ou imponham dificuldades às tecnologias assistivas, como ‘x’ (todxs), ‘@’ (aquele@s).

10. LINGUAGEM ANTIRRACISTA

A Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (Apaf) é a instância deliberativa do Sistema Conselhos de Psicologia, entre suas competências, tem o dever e a responsabilidade de “deliberar sobre questões de interesse da entidade, da categoria e do Sistema Conselhos nos âmbitos político, administrativo e financeiro”^[3]. Em maio de 2018, a Apaf aprovou nota convidando psicólogas/os a retirarem o racismo do vocabulário utilizado em situações formais ou cotidianas, incluindo o próprio Sistema Conselhos, sensibilizando para a escolha consciente de termos e expressões que interrompam a reprodução ideológica do racismo. Seu enfoque é cessar a “lógica do clareamento, do branqueamento e da associação inadvertida de conotações negativas ao que é preto, escuro, e de conotações positivas ao branco, ao claro”^[4].

Temos como objetivos deste manual:

1. Obstar a lógica do clareamento, que veicula a ideologia racista ao transmitir a compreensão de que o senso comum são a estética e os valores associados à branquitude, de que o universal (o global, o que pode generalizar e representar todos nós) seria o branco, a pessoa branca, a cultura branca e europeirizada.
2. Repelir a dicotomia das conotações do claro como positivo, auspicioso, bom, favorável, edificante e do escuro como negativo, maléfico, nocivo, contraproducente, inconveniente etc.

Você que estiver escrevendo pelo CRP SP, para a publicação em qualquer meio, passará a refletir toda vez quando encontrar-se diante de palavras e expressões que possam evocar e proteger ideias servindo à inferiorização de populações racializadas (negras, indígenas,

amarelas, leste-asiáticas, latino-americanas, eurasiáticas, asiático-ocidentais e quaisquer outras dependendo do contexto sociocultural). Neste tópico, para muito além de apontarmos palavras e formações lexicais, convocamos ao pensamento crítico.

“o boi da cara preta não pega nenhum menino, o boi da cara preta tem uma cara bonita, não é uma careta, o boi da cara preta é irmão do boi da cara branca, do boi da cara malhada, o boi da cara preta tem a cor do rosto da mamãe, o rosto que você, criança, se alegra quando olha, o boi da cara preta é bonito e risonho, parecido com você”. (ANDRADE, Inaldete Pinheiro de, 1988, p. 08).^[5]

Abandone a compreensão mal fundamentada de que a população não branca é minoritária numericamente em nosso país. Para levantar e analisar dados socioeconômicos e demográficos, o Estado de São Paulo conta com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), vinculada à Secretaria de Governo. Em novembro de 2020, a Seade publicou um estudo sobre a situação do trabalho em SP, este material informa, a partir de levantamento realizado a 2019, que 40,04% da população paulista é negra^[6]. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que 54% das/os brasileiras/os são negras/os^[7]. Quase metade ou pouco mais da metade de uma população definitivamente não são frações minoritárias.

A saber:

A lei n.º 7.716 de 05 de janeiro de 1989 define o crime de racismo, imprescritível e inafiançável, resultante de preconceito de raça ou de cor manifestado contra todo um grupo racial, que ofende e discrimina a totalidade das pessoas identificadas com uma raça.

O artigo 140 do Código Penal brasileiro, por sua vez, define o crime de injúria como aquele que ofende a dignidade ou o decoro

de uma pessoa, em seu §3º, aponta: “Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: pena - reclusão de um a três anos e multa”. A injúria racial é o insulto, a hostilidade contra um indivíduo.

A seguir, você conhecerá dois grupos de palavras e formulações: Palavras e expressões que estão rigorosamente expulsas de nosso vocabulário (cujo banimento não depende de uma avaliação particular de quem escreve). Depois, sentenças diante das quais você deverá ponderar, identificar suas implicações racistas e buscar alternativas que sirvam à situação comunicacional.

Ressalva:

Em 20 de novembro de 2021, para marcar o Dia da Consciência Negra, a plataforma Agência Lupa, assessorada pelo portal Notícia Preta, apresentou, em uma publicação, expressões e palavras compreendidas como racistas devido às suas origens presumidas na língua portuguesa e/ou na história do Brasil e de Portugal.

A Lupa é uma agência de verificação de dados, integra a rede mundial International Fact-Checking Network (IFCN) e é auditada internacionalmente em seu serviço de averiguação de notícias e fatos, por esta razão, foi intensa e amplamente criticada pela publicação da lista dos verbetes em consequência da precária sustentação de suas supostas origens históricas. Muitas das gêneses que identificariam os itens apontados na matéria como racistas não se comprovam historicamente porque há múltiplas possibilidades para suas procedências ou porque não é possível confirmar as procedências alegadas ou ainda porque se conhecem as etimologias e elas não correspondem às concepções correntes, apresentadas na matéria.

No episódio, uma agência de checagem reconhecida,

respeitada e auditada implicou-se na publicação de conteúdo portando inexatidões, erros e generalidades, em consequência, houve farta reação entre leitores e figuras operantes nos circuitos de produção de notícias e produtos de comunicação. A Agência Lupa pontualmente se dedicou à investigação apropriada e meticulosa dos nascedouros do léxico referido, lamentou a própria postura, que a levou ao erro, pediu desculpas à audiência e publicou nova matéria contendo comentários de pesquisadores especialistas em História e na língua portuguesa.

Nós que elaboramos este manual igualmente procuramos as compreensões de especialistas, para além da História e de nossa língua, nas questões do racismo e das Ciências Sociais. Foram consultadas fontes textuais entre artigos científicos e jornalísticos, além de estudos/as/os e/ou pesquisadoras/es da temática. Também se acompanhou o debate nas publicações acadêmicas voltadas à questão racial, em contas nas redes Instagram, Twitter e FaceBook e nas mídias jornalísticas e/ou especializadas na questão racial. Concluímos:

1. Palavras e expressões são entendidas como ofensivas pela população negra.
2. Há termos que ganharam significado pejorativo na história, no decorrer do tempo, independentemente de sua formação original.
3. Contesta-se a procedência racista do vocabulário, mas a população negra considera ofensivos os significados e as relações atuais, presentes, sugeridas por ele.
4. Podem veicular pensamentos racistas, no presente, termos cuja origem racista não se confirma ou cuja origem não é racista, ou seja, que historicamente não estão vinculados ao sistema escravista, aos costumes, às teorias e à ideologia que o sustentaram.

A associação da cor preta a perdas, ao luto, ao perigo, ao desconhecido ocorre devido à ideia de que se está diante de algo que não se pode ver pela ausência de luz, da qual a visão humana depende. Ainda que essa associação faça sentido legítimo, o uso que se faz da língua não é isolado, separado do contexto social, os sentidos das palavras são constituídos e reconstituídos na história. As palavras não se relacionam apenas entre as próprias palavras (ausência de luz > escuro > incompreensão > desconhecimento etc.), ideias são formadas em outros universos que não o do léxico, nas esferas política, econômica e social. Assim, se a associação entre escurecer (perder-se o efeito da luz) e confusão tem fundamento de origem semântica (no mundo das palavras), este fundamento não existe isolado de outros contextos de produção de sentido, localizados nas instituições que organizam e consolidam culturas. O verbo escurecer, em uma cultura racista, não paira sobre ideias racializantes, mas é atravessado por elas e utilizado em suas formulações. Se a origem não é racista, o uso pode ser.

Resolvemos:

1. Manter a recomendação de interdição do vocabulário apresentado neste tópico.
2. Pontuar os casos cuja origem histórica em circunstância racista não se confirma.

Não use:

1. Termos e expressões que atribuem conotações negativas a o que ou a quem não é branca/o:

Serviço de preto;

A coisa está preta;

Diga que a coisa está difícil, grave, séria, dramática, perigosa etc.

Indiada; baianada;

Programa que se revelou, ao contrário das expectativas, trapalhada, cilada, tapeação, falcaturia, tedioso, monótono, desinteressante ou no qual se cometeu um erro.

Mercado negro, magia negra, lista negra, humor negro, ovelha negra, nuvem negra;

Diga que o mercado é paralelo ou clandestino, que a magia tinha intenções maléficas (mas cuide para não estigmatizar expressões de espiritualidade), a lista pode ser ilegal, irregular, ilícita, proibida, o humor pode ser ácido, mordaz, cruel, a ovelha pode ser rebelde, revoltada, insurgente. A expressão nuvem negra é aplicada a pessoas ou situações que trazem, com suas presenças, má impressão, má sorte, antipatia, hostilidade, frieza, prefira dizer que a pessoa chegou com seu mau humor, trazendo desânimo, que a situação é um balde de água fria, busque metáforas, comparações, expressões que não associem o adjetivo negro à presença negativa.

Inveja branca

Evite o adjetivo 'branca' para não reforçar a dicotomia branco bom X negro nocivo. Pode ser uma inveja sem cobiça, sem raiva, uma inveja de admiração, uma inveja sem dor de cotovelo etc., você pode brincar com a natureza do sentimento da inveja (que é essencialmente ruim) deslocando ou estendendo suas implicações, a questão é evitar a associação à cor branca de algo que era essencialmente ruim quando passa a não ser tão ruim assim.

Denegrir;

O prefixo de- antes dos radicais aciona a ideia de movimento, denegrir quer dizer tornar negro, porém, é investido do sentido negativo de comprometer a reputação de alguém. Escolha entre os verbos difamar, aviltar, caluniar, desacreditar, injuriar, maldizer, desonrar, macular etc.

2. Termos e expressões redutores da trajetória de pes-

soas racializadas a um destino predeterminado:

Nasceu com um pé na cozinha;

Dia de branco;

Preto de alma branca;

Judiaria;

Judiar é tratar alguém como os judeus foram tratados, a ideia protege um encapsulamento de judias, judies e judeus na condição de povo violado, agredido, golpeado, fustigado, como se não fosse possível sua existência fora deste universo de violências. Maltratar, importunar, machucar, molestar, brutalizar, zombar são alguns entre uma série de tristes verbos que podem substituir judiar.

Escrava/o;

As pessoas trazidas de África ao Brasil para executarem trabalhos forçados não eram escravas, elas foram **escravizadas**, não se tratava da condição do ser, mas circunstância exterior, a elas imposta.

Branco de alma preta;

Comumente atribuída a brancos que gostam ou dominam atividades ou estilos de vida imputados a pessoas negras. Ao dizer que determinada pessoa é branca de alma preta porque ela é boa sambista, porque professa fé nos orixás, porque é *malandra*, antes de estar falando sobre uma pessoa branca, você está falando sobre a negritude, reduzindo a estereótipos.

3. Termos e expressões cuja origem se encontre em fato ou contexto histórico racista:

Mulata/o;

Há duas hipóteses, a gênese no árabe *muwallad* [mulad], designativa dos filhos mestiços de árabes com não

árabes, além da alusão às mulas, mamíferos híbridos do cruzamento de éguas com asnos. Os filhos mestiços de proprietários de escravizados com mulheres escravizadas teriam sido chamados de mulatos. As pessoas são **negras, pardas, pretas, indígenas, amarelas**, não são mulatas.

A dar com pau;

Não há comprovação desta teoria, mas conta-se que a expressão teria origem num pedaço de pau, longo o suficiente para conter grande quantidade de alimento, usado para obrigar africanos escravizados a comerem se porventura recusassem mantimentos nas viagens que os traziam ao Brasil, preferindo o adoecimento ou a morte por desnutrição à condição indigna que lhes era imposta. **Muito, exagerado, gigantesco, enorme, desmedido, colossal** e outros termos dão conta de substituírem a expressão.

Criado-mudo;

Herdamos a expressão *dumbwaiter* [criado mudo] da língua inglesa, um mecanismo para o transporte de alimentos entre diferentes cômodos ou andares de uma residência, formado por prateleiras movimentadas por um sistema de polias e cordas. Fala-se também sobre a possibilidade de assim ter sido designado o escravizado que deveria passar a noite ao lado do leito dos senhores, em silêncio, para servir-lhes durante o repouso, caso precisassem. Diga aparador, mesa de cabeceira, birô, móvel auxiliar.

Crioula/o;

Seu sentido varia conforme a região e o período histórico em que foi ou é usada, nem sempre tem valor negativo, no Rio Grande do Sul, como exemplo, ainda hoje seu sentido é positivo, identificando algo que é da terra, que nasceu e foi criado em seu lugar, comunicando a procedência local ou pertencimento, uma forte ligação

afetiva de identidade com o território e as pessoas locais. Mesmo em ambientes onde seu sentido é positivo, é necessário observar-se o contexto em que é usada e jamais poderá ser empregada para substituir ou suavizar a negritude de uma pessoa, de seu corpo. Denominou também filhos de escravizados nascidos no Brasil, diferente do sentido que *criollo* carregava na América espanhola, nomeando os filhos de europeus que nasciam nas colônias.

Feito nas coxas;

É provável que tenha entrado em nosso vocabulário, nomeando o que foi malfeito, em analogia ao sexo sem contato entre os órgãos sexuais, “nas coxas”, aludindo a algo feito de modo rápido e precário. A expressão surge já com sentido negativo, de improviso, de algo grosseiro e de pouca técnica. Conta-se que se referia às telhas moldadas nas coxas de escravizados, tomando o feitio de cada corpo, portanto, o encaixe destas peças nunca era funcional. **Descuidado, sem capricho, rústico, sem arremate** etc. são substitutos.

Meia tigela;

Há registros da expressão mais antigos que a escravidão transatlântica, em costumes para diferenciar o fidalgo que herdava os bens familiares dos fidalgos que não os herdavam. Já no período imperial brasileiro, havia certo benefício de alimentação do qual funcionários da corte dispunham, quanto mais graduados, maior o crédito, meia tigela era uma zombaria com o que os trabalhadores menos importantes recebiam. Embora não existam registros que apontem este uso, pode ter sido empregada para trabalhadores escravizados que não conseguiam render o tanto que era esperado deles, assim, recebiam a tigela na qual fazia suas refeições servida com apenas meia porção. Evitaremos a expressão que retoma cenários apontados pela luta antirracista como traumáticos, usaremos sinônimos em seu lugar: **pouco valor, insignificante, bagatela, migalha, médio-**

cre, sem valor etc.

Nhaca, inhaca;

Nome de um povo moçambicano, mas era como se chamava, no período da colonização, o mau odor dos corpos maltratados dos trabalhadores escravizados. Não há como verificar-se essa teoria, mas é necessário acolhermos as pontuações da luta antirracista.

4. Termos e expressões que ofendam a autoestima de pessoas não brancas:

Cabelo duro, cabelo pixaim, cabelo palha de aço, cabelo ruim;

O cabelo é crespo, cacheado, o cabelo é afro, *black power*.

Negra/o de traços finos; 'da cor do pecado'; beleza exótica; beleza étnica;

São racistas as associações entre a aparência e a beleza das pessoas negras com adjetivos limitantes, como exótico, diferente, sensual por serem negras e negros. Não quer dizer que indivíduos negros serão destituídos da expressão da sensualidade, quer dizer que é racista a vinculação entre a expressão lúbrica e a raça. Olhe para a pessoa, pense na pessoa de quem você fala, pense em sua beleza, não ignore sua dignidade e não a veja através das lentes deformadoras do estereótipo. Igualmente não dissimule seus traços negroides, não amenize as marcas de sua origem, elas não são um problema, não são necessários eufemismos e estes recursos impedem as condições para que as pessoas desenvolvam sua autoestima.

5. Termos e expressões que **reproduzam a lógica do clareamento**:

Morena/o;

As pessoas são negras, pardas, pretas, indígenas, ama-

relas. O adjetivo morena/e/o poderá qualificar exclusivamente pessoas cujos cabelos não são claros, uma pessoa branca que não tem os cabelos louros, que os tem castanho-escuros, pretos, pode ser chamada de morena sem que este qualificativo traga consigo, nesta situação especificamente, uma raiz racista, de formação de ideias racistas.

Cor de pele como um nome de cor;

Lápis cor de pele, tecido cor de pele, esmalte cor de pele: Este nome de cor não existe, afinal, são muitas as cores da pele humana, o lápis pode ser bege-claro, o tecido pode ser terroso, o esmalte pode ser róseo, cor-de-rosa.

Samba do crioulo doido;

Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do jornalista e escritor carioca Sérgio Marcos Rangel Porto (1923 – 1968), escreveu uma paródia de samba-enredo, em 1966, performada no teatro de revista pelo grupo *Os Originais do Samba*, ironizando a obrigatoriedade imposta pelo Departamento de Turismo da Guanabara dos compositores de escolas de samba desenvolverem enredos de temática histórica, no sentido mais formal e ufanista da História do Brasil, dando origem a letras que beiravam o ilógico diante do esforço protocolar desprovido de sentido lírico. O *Samba do Crioulo Doido* fez muito sucesso por conta de seu humor, que misturava personagens de tempos e contextos totalmente diferentes, em situações absurdas, sem coerência com a realidade. Apesar do sucesso e da simpatia que ganhou do público, este eu lírico é identificado como crioulo, termo racista, além, com o passar do tempo, “samba do crioulo doido” virou expressão para o descabimento, a irracionalidade, o erro. Você pode dizer que é um disparate, um desatino, um delírio, um absurdo, sem sentido, uma confusão, algo surreal, incongruente, bagunçado etc.

Peça étnica (do vestuário, na arte, na decoração etc.);

Quando só se entende como expressão típica, tradicional e diferencial de um povo, de uma cultura, algo que não pertence à cultura branca, como se a cultura branca fosse a base e a referência global comum. Resolva a questão mencionando a cultura, o povo, o país de origem da peça, da técnica, da estética: uma dança Guarani, tecelagem Aimará, caxemira da Mongólia, tatuagem Kawaiwete, a exemplo, evitando adjetivações de fundo racista (estranha, exótica, misteriosa, étnica, típica, tribal, primitiva, diferente). Você também poderá descrever a arte, a peça, sem recorrer às impressões de estrangeirismo.

6. Termos e expressões objetificantes, que privem criaturas humanas da personalidade:

Nega maluca; branquinho e negrinho;

O primeiro é nome de uma personagem do imaginário popular brasileiro, um corpo preto, feminino, de traços exagerados, hipersexualizado, caricatural, que dança músicas populares com um parceiro fazendo movimentos moles, como uma boneca de pano. É usada como fantasia, seus traços e gestos sugerem zombaria, troça. É machista e racista, não tem outro efeito além da ofensa e objetificação do corpo negro feminino. Nega maluca também é o nome de uma receita de bolo de chocolate com cobertura umectante de chocolate. Não se sabe qual sua origem. Branquinho e negrinho são doces feitos de leite condensado, não há certeza do motivo por que ganharam estes nomes, provavelmente pela associação das cores: branquinho não leva chocolate em pó e é coberto com confeitos de açúcar ou coco ralado, negrinho é preparado com chocolate em pó e confeitado com chocolate granulado. Porque vivemos uma cultura racista, podem dar margem a implicações racistas desde a própria banalização do nome de uma população racializada servindo como nome de sobremesa. Sem perda na compreensão, podem ser chamados de bolo de chocolate com cobertura, docinhos, brigadeiros, beijinhos.

‘Não sou tuas negas’;

Além da sugestão de que mulheres negras pertenceriam a alguém, constituindo um espólio, há outrossim a insinuação de permissividade para fazer-se com mulheres negras, seus corpos, suas vidas, o que se bem entende. É racista e machista.

Marrom-bombom, negona/negão;

As pessoas são pretas, negras, pardas, indígenas, amarelas.

Domésticas

Desde o século XIV, o adjetivo doméstico é documentado (em índices e dicionários da língua portuguesa e outros textos escritos e publicados no idioma) como aquilo que é relativo ao lar, a origem da palavra é grega, *dómos* [casa, domicílio]. Do adjetivo deriva o substantivo doméstica, a trabalhadora que exerce sua atividade dentro de um lar, mas seu uso é bastante recente, até a década de 1950, no Brasil, esta trabalhadora era chamada de governante, criada ou pelo nome da tarefa que lhe cabia no domicílio: faxineira, lavadeira, passadeira, costureira, copeira, cozinheira etc. Não há registros embasando a teoria de que o substantivo doméstica designou mulheres escravizadas compreendidas como domesticadas pelas famílias brancas para as quais trabalhavam, no entanto, será preciso respeitar-se esta apreensão da luta antirracista, diremos **trabalhadoras/es**, **funcionárias/os**, **secretárias/os**, **zeladora/zelador**, **servente** ou **auxiliar**, **profissional da limpeza**.

Macumbeiro, ‘chuta que é macumba’, ‘galinha de macumba’;

Macumba não é o nome de uma religião, mas de um instrumento de percussão, de origem africana, que dá o ritmo de alguns cultos, macumbeira/o é a pessoa que foi preparada, que estudou para tocá-lo. A generalização do termo, designando todos aqueles cuja fé tem matriz afri-

cana, é racista porque reproduz preconceitos e o desdém do desconhecimento. As pessoas são do axé, são candomblecistas, umbandistas, escreva usando estes termos que as relacionam ao nome de sua prática religiosa. Todos têm direito ao respeito à sua fé e/ou religião, todos têm direito ao reconhecimento de sua fé ou religião; conheça, procure saber a respeito destas confissões para elaborar comentários sobre elas. Exibir e manter desconhecimento é deixar evidente que não se tem interesse, que se tem desdém, e isto é também racista.

(segundo grupo de palavras e composições) **Pare, pondere e tenha a ver com o enfrentamento do racismo**

Claramente; esclarecer; clarear; esclarecedor; aclarador; às claras; aclarado não têm vínculos com contextos históricos e sociais racistas como têm os exemplos que conhecemos no primeiro grupo, porém, sugestionam a associação do que é claro a algo necessariamente positivo e, por oposição, do que é escuro a algo fatalmente negativo, às escuras, negrume, pretidão, pretume, escuridão, pardacento, negror serão vocábulos aplicados nos enunciados de problemas, de incompreensão, confusão, ignorância, melancolia, falta de vitalidade etc. Esses termos não são imprescindíveis na construção de sentido, é possível dizer que seu amigo está evidentemente cansado, ao invés de claramente, que você elucidou, resolveu a confusão a respeito do horário do evento (no lugar de esclareceu), que a professora pôde dirimir, desfazer as dúvidas dos alunos, que a neblina (e não o negrume) atrasou sua viagem; as sombras (não o negror) produzidas pelos edifícios atrapalham a circulação na rua; a opacidade das expressões de alguém faz sua companhia ser desagradável (não a escuriza ou sua expressão pardacenta).

Internalize em sua postura e em suas reflexões:

Não negue o racismo, livre-se da conclusão de que esconder e disfarçar situações, palavras e expressões racistas atenuariam sua existência e suas consequên-

cias. Não pondere que racismo não existe no Brasil, que os preconceitos brasileiros seriam de outros tipos, que todos os brasileiros seriam brancos, pretos e indígenas ao mesmo tempo, uma mistura de raças sem conflitos e democrática. Lembre-se de que, na configuração brasileira do racismo, a cor da pele é relevante, independente da origem étnica, da classe social, da posição hierárquica da pessoa, de sua importância cultural, no imaginário do país etc. Não desvalorize as falas de pessoas não brancas quando comentam experiências conhecidas por meio da racialização, contrariando-as ou insistindo em arrematá-las, atente-se às vivências que suas falas revelam, percebidas a partir de um lugar social no qual brancos (ou não racializados) jamais poderão estar.

Preta/o ou negra/o?

Ao pontuarmos os usos de preto e negro, acompanharemos as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Negro denomina as pessoas auto-declaradas pretas e pardas; pretas são as pessoas que assim se autodeclaram, em geral, pessoas cuja pele é retinta; autodeclaram-se pardas as pessoas não brancas, não indígenas e não amarelas que entendem que sua pele é menos retinta, mais clara do que a pele preta.

Súmula: Chamamos de pessoas negras aquelas que se localizam no conjunto das pessoas pretas e pardas.

Quem pode dizer qual é a sua raça? Quem diz qual é a sua cor? A declaração, as atribuições de cor e de raça são autodenominações, quer dizer, são localizações num amplo espectro de experiências sociais e culturais nas quais os sujeitos se reconhecem conforme suas histórias, seus percursos e suas vivências pessoais, como resultado, são as pessoas pretas, somente elas, que se autodesignam pessoas pretas de pele clara ou escura, que preferem para si o adjetivo negra ou preta. Decorrem desse fato...

a. A inalteração, nas produções para o CRP

SP, da cor e da raça atribuídas pela própria pessoa sobre quem se escreve ou que é descrita;

b. A interdição de qualificar a cor de alguém como preta da pele clara, preta da pele escura no lugar da pessoa sobre quem se escreve ou fala. Se você não sabe como a pessoa se autodenomina, use negra/o, “mulher negra”, “homem negro”, “pessoa negra” etc. Somente a própria pessoa poderá conferir a si mesma o entendimento de que sua pele é clara ou escura.

c. O veto a questionamentos a respeito de como as pessoas se autodeclaram racialmente.

d. O veto a questionamentos a respeito de como as pessoas se autodeclaram racialmente.

(retomando) Prefira mestiça/o, birracial, parda/o, negra/o, indígena ou a própria menção ao povo ao qual a pessoa pertence (a médica Caiagangue; o professor lanomâmi; em audiodescrição, “sobre fundo branco, em primeiro plano, Fulana, uma mulher Xokleng, veste camisa lilás etc.”), amarela/o, leste-asiática/o, latino-americana/o, eurasiática/o, asiático-ocidental, palestina/palestino e considere perguntar à pessoa a quem você se refere como ela se compreende racialmente.

Dispense morena/o, oriental, japonesa/o, marrom, bugre, evite chamar todos que têm ascendência na região da África-Eurásia de turcos ou árabes. Na própria Península Arábica, por exemplo, são muitos e diversos os grupos étnicos e há povos turcos e/ou de cultura turca que têm origem em outros lugares para além da Turquia.

11. ACESSIBILIDADE

Segmentos da audiência do CRP SP precisam que suas publicações sejam tratadas para a acessibilidade a fim de que possam conhecer as informações elaboradas e divulgadas pelo Conselho, existem muitas e variadas estratégias que entregam este tratamento aos produtos de comunicação. O setor de Relações Externas já adota protocolos nesse sentido, anteriores ao Manual de Redação e Estilo do CRP SP, sistematizados a partir de conversas com o Grupo de Trabalho Núcleos PcD e outras buscas. Na confecção do manual, exploramos o mesmo caminho, ouvimos o GT em reunião e investigamos fontes textuais compostas nas universidades (artigos científicos, materiais organizados para os cursos de formação em comunicação acessível ou formulados visando à participação de alunos com deficiência), também estudamos estratégias desenvolvidas para serem aplicadas especificamente nos diferentes gêneros produzidos no âmbito do mercado da comunicação. A questão primordial da inclusão pode ser introduzida pela pergunta “Do que esta pessoa precisa para fazer parte do grupo?” e embora estejamos trabalhando com o registro escrito, devemos ter em mente a comunicação como uma relação humana que ocorre também por meios não verbais.

Você sabe o que são leitores de tela? São softwares que convertem textos escritos em textos falados, também levam ao meio sonoro toda e qualquer interação das/os usuárias/os de sistemas operacionais. Ao invés de ler, a/o usuária/o ouve desde a identificação de um botão, as opções de comando, conteúdos compartilhados nas redes sociais, em sites, por e-mail etc.

#PraTodosVerem e textos alternativos

Imagens de cards, desenhos, pôsteres, reproduções de obras de arte, gráficos, infográficos, mapas, enfim, quaisquer elementos de comunicação visual no formato de imagem (JPG, GIF, PNG, SVG, PSD, WEBP, RAW, TIFF e BMP) terão seus conteúdos descritos porque os leitores

de tela não decodificam estes arquivos.

Independente do processo, se a partir da #PraTodosVerem ou do recurso do texto alternativo, comece descrevendo que material é aquele, se é um cartaz, uma fotografia, um card etc., depois, qual seu formato, se vertical ou horizontal, quadrado ou redondo, a seguir, faça a descrição nos sentidos da esquerda para a direita, de cima para baixo, do primeiro plano para os planos de fundo ou do elemento que é mais importante aos acessórios, contendo: formato, elemento/sujeito/personagem principal, paisagem/contexto, cor predominante e ação. Ao encerrar os textos alternativos ou a descrição da #PraTodosVerem, indique, entre parênteses: (fim da descrição).

Exemplos: 1. Card quadrado. No centro, caixa de texto com o horário de funcionamento da Subsele Metropolitana no Carnaval. Confetes e serpentinas coloridos caem sobre o texto. (Fim da descrição). 2. Cartaz vertical. Na parte de baixo, uma caixa de texto com o horário de funcionamento da Subsele Metropolitana no Carnaval. Na parte de cima e central do cartaz, confetes coloridos caem sobre a caixa de texto. (Fim da descrição).

Prefira frases curtas e na ordem direta: Sujeito, verbo, predicado.

Nunca copie o texto da legenda no espaço do texto alternativo ou junto à #PraTodosVerem, o leitor de tela repetirá a informação, isto soará confuso, além, você terá perdido a oportunidade de transmitir um dado novo e relevante.

Audiodescrição aplicada a vídeos

Audiodescrever é transformar o que é visual em texto. São recomendadas as descrições breves e que priorizem a informação mais importante de cada cena, quadro/frame ou de uma imagem única.

Faça a descrição nos sentidos da esquerda para a direita, de cima para baixo, do primeiro plano para os planos de fundo ou do elemento que é mais importante aos acessórios, contemplando: formato da imagem (vertical,

horizontal, quadrado ou redondo), elemento/sujeito/ personagem principal, paisagem/contexto, cor predominante e ação. Ao encerrar a audiodescrição, indique, entre parênteses: (fim da descrição).

Exemplos: 1. Vídeo na horizontal. Quatro pessoas: A apresentadora do debate no centro, mulher preta de cabelos black power; à sua esquerda, uma debatedora, mulher amarela de óculos; à direita da apresentadora, um debatedor, homem branco de cabelos grisalhos. À esquerda da tela, em sua parte de baixo, o tradutor de LIBRAS, homem pardo, veste camiseta preta. (Fim da descrição). 2. Vídeo na vertical. Homem preto com roupa social se aproxima de mulher amarela de vestido. Ele recebe o prêmio das mãos da mulher. Eles se abraçam. Ele mostra o prêmio ao público. Eles estão sobre um palco. A mulher está no púlpito. Na parede atrás dos dois, o filme premiado é projetado. (Fim da descrição).

Prefira frases curtas e na ordem direta: Sujeito, verbo, predicado.

Em alguns casos, será relevante descrever detalhes, se são importantes para a contextualização da informação visual. Por exemplo, se você estiver descrevendo uma cena de um vídeo que faz parte de uma campanha contra o capacitismo, então, na cena, aparece um casal formado por duas pessoas com deficiência, será importante mencionar que são pessoas com deficiência.

Descreva somente o que não foi mencionado no texto, na legenda da imagem ou na locução do vídeo.

Não é necessário dizer “imagem de um card; imagem de uma captura de tela; imagem de um mapa” etc., comece dizendo “Card no formato [...], na cor [...]; captura de tela do site do CRP / da ficha de inscrição / da capa do site do Ministério da Saúde etc.; mapa do Estado de São Paulo / mapa das subsedes do CRP SP etc.”

Jamais deixe que erros de ortografia ou de outra ordem na língua portuguesa permaneçam nas descrições e use

as pontuações corretas, uma palavra escrita de maneira errada, uma pontuação inadequada podem confundir o leitor de tela, outros erros, como plurais não observados, verbos conjugados de maneira equivocada, preposições mal-empregadas podem atrapalhar a compreensão.

Dispense o registro de possíveis sentimentos que a imagem possa causar, porque esta é uma impressão subjetiva. Reserve adjetivos para retratar formato, raça e cores.

Pontue referências e alusões somente se elas são importantes, exemplo: É época de Copa do Mundo e o vídeo faz referências a uma partida de futebol, há uma palavra que surge na tela, a cada frame, como a bola que um jogador lança para o outro, isto é importante, porque descreve o humor da peça.

Quando não é possível aplicar-se o recurso da áudio-descrição, convém preparar uma versão descritiva do roteiro em arquivo de texto e disponibilizá-la na descrição do vídeo ou enviá-la à audiência PcD.

Aplicação de legendas e transcrições

A legenda deve ser fiel à fala daquela/e que se expressa no vídeo, criando-se conexão entre o que é falado e o que é lido, portanto, gírias, coloquialidades e regionalismos serão mantidos. Serão ajustados erros de concordância do plural, erros de referência ao CRP SP e institucionais. A fala do Conselho como instituição segue padrões, mas as falas das pessoas serão preservadas em suas identidades.

Orientações para eventos, rodas de conversa e lives

Nas situações presenciais, comece o evento dirigindo um cumprimento ao público sem fazer uso do microfone, projetando sua voz o suficiente para que seja ouvida, mas sem gritar, desta maneira, as pessoas com baixa visão ou cegas reconhecerão onde você está. Em seguida, ao microfone, faça sua audiodescrição e localize-se

no ambiente dizendo onde você se encontra em relação à audiência.

Pergunte se alguma pessoa com deficiência está presente e diga que é possível ela assinalar quais procedimentos e/ou comportamentos poderiam ser adotados, naquele momento mesmo, para que a circunstância ficasse o mais acessível à sua assistência e participação.

Pergunte se está boa a imagem ou a posição da/do tradutora/tradutor de LIBRAS ou o som da locução se houver tradução simultânea.

Evite obstáculos visuais na frente de seus lábios a fim de não impedir a leitura pelas pessoas com deficiência auditiva que usam este recurso, você pode perguntar à audiência se seus lábios estão visíveis, considerando a altura do microfone ou qualquer outro objeto que acidentalmente esteja próximo de sua boca.

Em situações presenciais ou naquelas transmitidas por telas, certifique-se de que não há sombras sobre o seu rosto ou sobre os rostos de todas/os que forem falar na ocasião.

Sempre quando possível, preocupe-se em deixar a altura das pessoas cadeirantes no mesmo nível de todos os outros participantes do encontro.

Nas apresentações, use fontes simples, em tamanho grande e em bom contraste com o fundo, não se esqueça de descrever as imagens. Se você pretende apresentar um vídeo, temos duas sugestões: Prepare uma versão descritiva do roteiro em arquivo de texto, envie-a previamente à audiência PcD; ou faça a audiodescrição do vídeo após seu término.

Atente-se ao tema principal de cada trecho de sua fala: toda vez quando você chegar a um novo assunto, a um novo problema, anuncie este novo seguimento. O formato facilita a tradução em LIBRAS, a tradução para outros idiomas, além de ajudar a compreensão pelas pessoas

com deficiência cognitiva. Exemplo: “Começo falando sobre a relação entre Psicologia e a vida nas cidades. [...] Agora, destaco os problemas mais graves da maioria das cidades brasileiras. [...] Eu vou classificar os centros urbanos brasileiros conforme o tamanho. [...] Concluo propondo sugestões para a qualidade de vida nas cidades.”

Os links das lives, no YouTube, devem ter sua capa descrita e identificada pela #PraTodosVerem, devem constar nas artes o símbolo de “Acessível em LIBRAS” e CC, de Closed Caption. Todas as lives terão tradução em LIBRAS e as/os participantes iniciarão suas falas com a audiodescrição de sua imagem e do que aparece ao seu fundo.

As informações relevantes compartilhadas nos chats das plataformas de conferência remota deverão ser enviadas, posteriormente ou simultaneamente, de preferência via WhatsApp, aos participantes PcD, este procedimento deve ser mencionado e oferecido ainda na abertura do encontro.

Lives

Todas as lives têm de contar com tradução de LIBRAS e opção de closed caption.

Todas as divulgações devem ter texto alternativo ou #PraTodosVerem, todas devem ter os selos de que há tradução em LIBRAS e closed caption.

Se você for apresentar vídeos, slides, PDFs e outros materiais, procure descrevê-los, lê-los durante a live.

Audiodescrição: Orienta-se às/aos participantes da live que digam seus nomes e façam uma breve autodescrição contendo gênero (se quiserem); cor da pele; cor dos olhos; cor, formato e altura dos cabelos; maquiagem (especialmente, batom); cor e formato da roupa (começando pelas peças maiores); acessórios (brincos, colares, bonés, mantas, aqueles que estiverem visíveis na tela);

cores e detalhes visíveis do cenário onde estão (estante de livros, quadros etc.), exemplo: “Sou um homem de 40 anos, tenho a pele parda, olhos castanhos, cabelo preto, ondulado e curto, sobrancelhas pretas, estou vestindo uma camiseta preta, uso um brinco na orelha esquerda e ao meu fundo tem uma parede vermelha e uma estante de livros”.

Rodas de conversa

A tradução em LIBRAS deverá ser requerida à equipe de Eventos, 24 horas antes da roda acontecer.

Se for apresentar vídeos, slides, PDFs e outros materiais na roda, procure descrevê-los, lê-los ao mostrá-los.

Autodescrição: Orienta-se às/aos participantes que digam seus nomes e façam uma breve autodescrição contendo gênero (se quiserem); cor da pele; cor dos olhos; cor, formato e altura dos cabelos; maquiagem (especialmente, batom); cor e formato da roupa (começando pelas peças maiores); acessórios (brincos, colares, bonés, mantas, aqueles que estiverem visíveis na tela); cores e detalhes visíveis do cenário onde estão (estante de livros, quadros etc.), exemplo: “Sou um homem de 40 anos, tenho a pele parda, olhos castanhos, cabelo preto, ondulado e curto, sobrancelhas pretas, estou vestindo uma camiseta preta, uso um brinco na orelha esquerda e ao meu fundo tem uma parede vermelha e uma estante de livros”.

A/o mediadora/mediador deverá orientar as/os participantes a escreverem os seus nomes na plataforma Zoom (caso não apareçam automaticamente) e a dizerem seus nomes antes de iniciarem suas falas. Exemplo, ao iniciar sua fala, a participante Guacira dirá “Guacira falando...”

Jornal Psi e PDFs publicados no site

Publica-se o PDF do Jornal Psi, no site, com texto alternativo descritivo. O jornal deve ser salvo ou convertido

em PDF, jamais em imagem (JPG), porque as imagens não são decodificadas pelos leitores de tela.

Imagens publicadas nas páginas do jornal sempre serão descritas.

Um efeito interessante, para os leitores de tela, ocorre quando se assinala o início e o fim da descrição, registrando-se “Início da descrição da fotografia / do gráfico / do desenho / do anúncio etc.”; “Fim da descrição da fotografia / do gráfico / do desenho / do anúncio etc.”, quanto maior o volume de texto em um material, melhor a estratégia soa.

Para gráficos e infográficos, é possível fazer um resumo das informações apresentadas junto à descrição do visual.

Os arquivos PDF são lidos de maneira perfeitamente adequada pelas tecnologias assistivas, desde que devidamente organizados, com todas as imagens descritas e na ordem de cima para baixo, da esquerda para a direita. Algumas versões do Adobe Acrobat oferecem assistência de configuração para a acessibilidade, fazendo pequenas sugestões para que o arquivo fique mais acessível, você poderá encontrá-la a partir das opções “Ferramentas > Assistente de ação”.

Redes sociais, cards publicados nas redes sociais e ativados via WhatsApp

Todas as publicações com imagens deverão contar com texto descritivo, aplicando-se uma ferramenta de texto alternativo ou a hashtag #PraTodosVerem. Enviados pelo WhatsApp, os cards devem estar acompanhados da hashtag #PraTodosVerem (com o descritivo da imagem) ou por um arquivo de áudio com a descrição.

1. No FaceBook: Na própria postagem, usa-se a #PraTodosVerem e escreve-se o texto descritivo. Também é possível, na publicação de fotos, clicar-se no ícone do lápis, “Modificar”, que aparecerá passando-se o

cursor pela imagem. A última entre as quatro opções de modificação é a inclusão do texto alternativo.

2. No Twitter, há o recurso do texto alternativo, a função ALT, que aparecerá quando você estiver twittando uma imagem: Clique na opção “Editar”, sobre a imagem, ou diretamente em “adicionar descrição”, abaixo da imagem.

3. No Instagram: Nas publicações, na etapa que oferece a possibilidade de você escrever uma legenda para a fotografia, ao fim de todas as opções dispostas nesta etapa, quase ao fim da tela, há o link “Configurações Avançadas”, clique nele e você chegará ao menu no qual está listado o recurso “Escrever texto alternativo”, toque sobre ele e adicione o texto. No Reels e nas transmissões ao vivo, será necessário que você dê o título com a #PraTodosVerem e o texto descritivo.

4. No LinkedIn, nas alternativas de publicação, clique em foto, selecione a imagem e você terá a opção “Alternativo texto”.

Os textos alternativos aparecem somente nas interfaces de quem usa tecnologias assistivas, como leitores de tela.

Site do CRP SP e e-mail marketing

No site, as imagens que utilizamos não têm texto em suas ilustrações. Aquelas que ilustram notícias deverão ser descritas pela #PraTodosVerem. Nos banners, aplica-se o texto alternativo. Aplica-se a ferramenta VLibras em todo o site (de código aberto, disponibilizada no link <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras>). Os recursos de aumento de fonte e luminosidade de tela poderão ser aplicados, fixados na barra superior.

Ao enviarmos e-mail marketing, primeiramente é obrigatória a utilização do layout padrão criado pela Comunicação. Deve-se evitar o envio de imagens JPEG. Se houver inserção de imagem no cabeçalho, deverá conter texto alternativo descrevendo a imagem.

Tradução e interpretação em LIBRAS

Não deixe de enviar previamente à equipe de tradutoras/es os roteiros, a ordenação do que acontecerá no evento, os materiais de apoio, como vídeos, apresentações, intervenções artísticas e outros. Diga se o evento será mais ou menos formal, se haverá o serviço de cerimonial, qual o perfil da audiência e pergunte o que é necessário a fim de que o trabalho dos profissionais ocorra da melhor maneira possível.

Para ressaltar

Imagens sempre serão identificadas, não importa se a sua função é transmitir informações ou decorativa, mas no segundo caso, basta dizer que se trata da arte de determinada peça, sem detalhá-la. Das imagens informativas, serão feitas as descrições.

Emojis

Os leitores de tela são capazes de ler os emojis, nem sempre de maneira fiel à figura, ainda assim, é possível compreender que se trata de um emoji. Porém, mesmo se a descrição é idêntica à figura, o efeito de um emoji narrado não é o mesmo efeito de um emoji visualizado, então, eles não são muito interessantes ou divertidos neste contexto. Se usá-los, dispense aquelas formações de vários emojis seguidos.

Gifs, figurinhas e stickers

Precisam ser descritos, dependendo da descrição, podem ter efeito parecido com o da sua visualização.

12. LINGUAGEM INCLUSIVA

Cuidados para uma comunicação que não reproduza violências e exclusões.

Linguagem anticapacitista

Será empregada preferencialmente em todas as produções do CRP SP e necessariamente nas produções que abordem assuntos relacionados às vivências e aos interesses prioritários das pessoas com deficiência.

Evite: Veja em...; tente enxergar; olhe em...; ande conosco; manuseie o material; tenha em mãos... etc.

Prefira: Saiba mais em...; confira em...; acompanhe em...; venha conosco; conheça o material; possua / conte com... etc.

Embora os softwares de leitura de tela variem entre si e alguns deem conta das abreviações, não as use, evitando possíveis mal-entendidos.

Não use: Vc; etc.; rsrsrs...

Prefira: Você; ... et cetera / e assim por diante / ... e outras coisas semelhantes; risos...

Verifique se as indicações de direções são precisas.

Não use: Lá, ali, adiante, perto de... etc.

Prefira: À esquerda, à direita, no lado esquerdo de, no lado direito de, para baixo, para cima, atrás de, na frente de, na transversal, dois lugares à frente, duas imagens acima, no sentido horário, no sentido anti-horário etc.

Cadeirante: Pessoa que usa a cadeira de rodas para locomover-se, a pessoa com deficiência física poderá ser identificada como cadeirante se estiver usando a cadeira. Pessoas com deficiência física transitória ou adoecidas também podem ser identificadas como cadeirantes.

Use: Pessoa com deficiência, pessoa com deficiência física; pessoa com deficiência visual, pessoa com deficiência auditiva, pessoa com tetraplegia; pessoa com deficiência cognitiva; pessoa com deficiência intelectual; pessoa com doença mental; pessoa com transtorno mental; pessoa com transtorno do espectro autista; pessoa com paralisia cerebral; pessoa com síndrome de Down; pessoa com nanismo; enfim, a abreviação PcD (pessoa com deficiência).

Jamais use termos como retardada/o, mongol, pinel, pessoas especiais ou excepcionais, anã/anão, ceguinha/o, mudinha/o.

Não diga que pessoas PcD têm necessidades especiais, mas específicas. Não diga que são pessoas portadoras de deficiência ou deficientes. Jamais associe a pessoa com deficiência a limitações ou impedimentos. Jamais faça associações do vocabulário relacionado às deficiências, aos transtornos mentais ou relacionado à rede de atenção psicossocial a ofensas, provocações, humilhações a pessoas, instituições e afins, além, não construa metáforas com partes do corpo ou deficiências, exemplos:

“O ministro deve ser autista para fazer uma avaliação tão distante da realidade.”; “O Ministério da Família é um verdadeiro manicômio”; “O secretário de Educação disse ontem que não seria necessário vacinar as crianças antes da volta às aulas, hoje, ele disse que a vacinação é urgente, uma gestão bipolar.”; “A pasta da Educação ficou surda se ainda não ouviu que todos querem alunos vacinados antes do início do ano letivo.”; “Vou fingir demência se minha chefe pedir que eu faça mais alguma tarefa hoje, vou dar uma de João sem braço.”; “Nossa empresa ainda não tem pernas para se destacar da concorrência e para nós crescermos, precisamos da sua mão!”; “Eu dei uma mancada convidando minha colega para vir à festa com seu marido, parece que o casamento deles anda mal das pernas e ele está usando os filhos como muleta para não se separar, se eles vierem,

vou fingir que não sei de nada, sou cega, surda e muda”.

Observações:

1. Existe a sigla PNE, de Pessoas com Necessidades Especiais, o termo designa indivíduos que, em relação a uma situação pontual, demandam algo que não é oferecido a todas/os naquela circunstância unicamente, por exemplo, uma pessoa grávida que precisará ser assistida durante um voo porque tem problemas vasculares que lhe causam má circulação, esta é uma PNE, naquela conjuntura.

2. Transtorno do espectro autista faz mais sentido que autismo, porque são tão variadas as suas gradações, que é impossível denominar as pessoas com este transtorno (apresentando quadros tão distintos entre si) com um só nome.

Pessoas com deficiência auditiva: Pessoas com perdas de audição leves e moderadas e as pessoas surdas (que não ouvem). **As pessoas surdas não são mudas e todo mundo pode falar, ainda que nem todo mundo use palavras para isto, mas sinais, gestos, expressões faciais e/ou corporais.**

Pessoa com deficiência visual: Abrange as pessoas com baixa visão e pessoas cegas (que não veem).

Linguagem AntiLGBTQIA+fóbica.

Não use: Opção sexual; o travesti, traveco; bicha; transviado, viado; afeminado; sapatão, sapata; ‘corta pros dois lados’, indecisa/o; ‘joga no meu time’; homossexualismo; casal ou relacionamento homossexual; casamento gay; beijo gay; bicha louca; caminhoneira, machorra; mudança de sexo; hermafrodita; troca de sexo; Parada Gay.

Use: Orientação sexual; a travesti; homem gay; mulher lésbica; homem bissexual; mulher bissexual; mulher trans; homem trans; pessoa não binária; pessoa não binária bissexual; homossexualidade, homoafetividade; casal ou relacionamento homoafetivo (as pessoas namoram, casam-se por relações de afeto, não estritamente sexuais); casamento universal; beijo (não existem beijos de gays, lésbicas, bissexuais, o beijo é um mesmo gesto, idêntico para todo mundo); readequação de sexo ou de gênero; pessoa intersexual; redesignação de sexo; Parada LGBTQIA+.

Pondere: Gírias como 'bicha pão com ovo', 'sapatão de sítio', poc, bolacha, entendida/o, mona, Irene, o Pajubá etc. são elaborações com origem em costumes e diálogos internos da comunidade LGBTQIA+, resultantes da construção própria, em processo histórico, de sua autorrepresentação, quer dizer, são processos caros a estes grupos politicamente marginalizados ao longo de gerações, portanto, antes de usar estas gírias, se você não pertence à comunidade, seja zelosa/o diante desta cultura e observe o princípio da alteridade.

Linguagem antixenofóbica

Não use: paraíba; índio; tribo de índio; bugre; "falando chinês / grego"; paraguaia/o como sinônimo de algo de baixa qualidade ou falsificado; generalizações como polaca, galego, turca, china, japa, cucaracha, chicanos, portuga etc.

Use: Chame as pessoas naturais dos estados brasileiros das regiões Norte e Nordeste por seus gentílicos (paraibana, paraense, amazonense, sergipana, potiguar, baiano, cearense etc.). Não reforce ideias generalizantes de qualquer cultura. Diga nações indígenas, populações indígenas, povos indígenas, povos originários. "A coisa está ruça", não russa (ruço é um adjetivo que designa cores claras, porém, de tonalidade imprecisa, por extensão, é usado para coisas pouco definidas, confusas, desbotadas). Chame as pessoas pelos adjetivos

pátrios quando isto cabe no assunto, no contexto, não substituindo seus nomes e pronomes pessoais. Não dê apelidos para a origem das pessoas.

Linguagem antigordofóbica

Não use: Gordice; olho gordo (para inveja); pessoa pesada/o; a ideia de peso ideal, "acima do peso ideal", "malhando para ficar com o peso ideal", reforçando que existiria um peso externo às peculiaridades de cada corpo, uma medida universal, este peso é mais idealizado do que ideal; pensamento gordo (para gula); palavras para "amenizar" o corpo gordo, como fofo, forte, gordinho, cheinho. Não faça relações entre gordura e desleixo, preguiça, falta de atenção à saúde, ausência de autocuidados, entre gordura e depressão, doenças físicas ou mentais. Não construa ideias compensatórias ("É gorda/o, mas tem um rosto lindo / mas homem gosta de ter o que apertar / mas é inteligente / mas até que se cuida / mas tem beleza interior."; "É uma gorda/o arrumada/o").

Linguagem antietarista

Chamam-se ageísmo ou etarismo o prejulgamento e a hostilidade contra sujeitos devido a suas idades, comumente, são dirigidos às pessoas mais velhas, mas também é ageísmo quando indivíduos moços são desrespeitados, discriminados, desacreditados com base nas idades que têm. Idades, mais jovens ou mais velhas, sozinhas não qualificam nem desqualificam os sujeitos, que são multifacetados e não podem ser reduzidos ao tempo de vida para bem ou para mal, este é mais um fator que configura o ser, entre tantos outros. Pessoas jovens ou maduras não são incapazes de compreender a realidade, de executar trabalhos, constituir aprendizados ou participar da sociedade.

A partir dos 65 anos, vive-se a terceira idade. Idoso/ idosa é o adjetivo correto (não use velhos). Não fale do tempo de vida como se fosse um mal a ser combati-

do (cosmética anti-idade é desrespeitoso, diga, antis-sinais; não é elogioso dizer que a pessoa é jovem de espírito ou que não parece ter a idade que tem). Se você não é a neta, o neto, não chame idosos de vovô, vovô. Não trate pessoas idosas como se não fossem capazes de aprender ou de maneira infantilizada.

Não faça comentários que banalizem problemas associados às faixas etárias: “Você já me fez essa pergunta hoje, está senil?”; “Fulana é aborrecente.”; “Eu não acredito que um menino como você esteja com medinho do escuro!” Não associe as meninas à maturidade desde a infância e os meninos a posturas machistas, como “meninos não choram”.

Linguagem antimisógina

Não use: Mãe solteira (a maternidade é a relação da mulher com sua prole, não com seu marido, namorado, estado civil. Mães solo são as mulheres que criam seus filhos sozinhas); não use histérica; mal-amada, mal comida, largada; aborteira; feminazi; mulherzinha em sentido depreciativo; “lugar de mulher é...”; “se dê ao respeito”; abandone eufemismos para a menstruação (visita de Chico, naqueles dias, desceram as regras); não associe todas as condições físicas ou mentais que uma mulher possa estar vivendo à sua condição hormonal, uterina (TPM, gravidez, menopausa etc.); não troque o nome da mulher por uma identificação de pertencimento ao seu companheiro ou aos seus familiares homens (“a mulher de Fulano”, “namorada de Fulano”, “filha de Fulano de Tal”, “neta do Senhor de Tal” etc.); não associe a violência urbana ou misógina a algo que teria partido de um gesto ou comportamento da mulher (por conta da maneira como ela estava vestida, dos lugares por onde andou ou os horários, por não ter sido “recatada” o suficiente etc.); não diga que a mulher pensa ou age como homem quando ela é eficiente no trabalho, quando é forte, enfim, quando é hábil para alguma atividade ou costume tradicionalmente relacionados ao universo masculino.

13. REFERÊNCIAS E FONTES

[1] ESCRITA GENDRADA: SOMOS TODAS PSICÓLOGAS?

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2015.

Disponível em http://www.crsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=851.

Acesso em 19 de outubro de 2021.

[2] Regulamento do 10º Congresso Nacional da Psicologia – 10º CNP. Conselho Federal de Psicologia, Distrito Federal, Brasil, 25 de julho de 2018.

Disponível em <https://10cnp.cfp.org.br/10-cnp/regulamento/>.

[3] SISTEMA CONSELHOS. Conselho Federal de Psicologia.

Disponível em <https://site.cfp.org.br/cfp/sistema-conselhos/apaf/>.

Acesso em 20 de setembro de 2021.

[4] ASSEMBLEIA DE POLÍTICAS, DA ADMINISTRAÇÃO E DAS FINANÇAS (Apaf). Convite a tirar o racismo do nosso vocabulário. Conselho Federal de Psicologia, 2018.

Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1G3Mw9qmkLIBivUR9LSnR4xnfDbMU-z2x/view>.

Acesso em 20 de setembro de 2021.

[5] ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Cinco Cantigas para você contar. Olinda: Edição da autora, 1988.

[6] POPULAÇÃO NEGRA: DESIGUALDADES NA INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 2019.

Disponível em <https://trabalho.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/13/2021/10/Seadetrabalho-populacao-negra-desigualdades-insercao-mundo-trabalho-2019.pdf>.

Acesso em 20 de setembro de 2021.

[7] CENSO DEMOGRÁFICO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=10503&t=destaques>.

Acesso em 20 de setembro de 2021.



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP

www.crpsp.org.br